



Alojados em hotéis do Núcleo Bandeirante, os índios exigem que a Funai volte a arcar com as despesas

Indígenas em pé-de-guerra contra Funai

Se para a Funai não está sendo fácil administrar a atual crise, provocada com a revolta dos índios devido à descentralização do órgão, para os comerciantes — donos de hotéis e restaurantes — do Núcleo Bandeirante a situação beira ao colapso. Desde sexta-feira última um contingente de mais de 40 índios, armados se alojam ou no Hotel Jurema e exigiu que o Bar e Restaurante Central fornecesse alimentação. A Funai, entretanto, reafirmou a sua decisão de não arcar com as despesas.

Armados de bordunas e nervosos os índios não atendem aos apelos dos comerciantes para que procurem outros locais para se hospedar e obter alimentação. O cacique da Aldeia Xavante de São Marcos (MT), Aniceto Tzwadauerê, anuncia que até terça-feira, no máximo, devem chegar a Brasília mais 400 líderes indígenas para exigir do Governo a demissão do presidente da Funai, o sertanista Apoena Meirelles.

Inconformado com o processo de descentralização e falando em nome das demais lideranças — Kalowá, Guarani, Terena, Krikati, Kanela, Apinajé e Krahô — que vivem em Goiás, Mato Grosso do Sul e Maranhão, Aniceto questiona a substituição das delegacias regionais por superintendências executivas. "Aqui no Distrito Federal é onde estão o Presidente da República, o Congresso com os deputados e senadores, então por que Apoena foi levar a Funai para Manaus?" — pergunta o cacique, não escondendo sua irritação.

Diante das câmaras de televisão, Aniceto aponta para outros índios com bordunas nas mãos e lembra que aquela arma é para ser usada nas lutas, dando a impressão que os índios estão em pé-de-guerra contra o órgão tutelar. Ele ressaltou, entretanto, que entre o grupo não havia criminosos ou bandidos. "Borduna é para se fazer defesa. Agora a Funai chama a polícia que chega com metralhadoras e cachorros. Se o índio perder a paciência, se a polícia perder também, quem será o culpado quando o sangue do índio e da polícia for derramado?", advertiu o cacique Aniceto. Ele disse ainda que hoje os índios irão procurar o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, para que "entenda a nossa tristeza com toda essa situação".

Dando demonstrações de maior indignação, o cacique da Aldeia Nhamuncurá (a mesma do deputado Mário Juruna), Simão Xavante, acusou o sertanista Apoena Meirelles e os diretores da Funai de estarem gastando muito dinheiro do órgão, que seria destinado a atender às comunidades, com suas viagens. Já o vice-cacique da Aldeia São Marcos, Manoel Sarenho, acusou Apena de ser um falso amigo e um falso sertanista. "Ele não é homem. É um moleque sem-vergonha", sentenciou Manoel.

Sem saber ao certo como proceder, o proprietário do Hotel Jurema, Arnaud, Bezerra da Silva, mostrou quatro autorizações (gulas de hospedagem) para 37 índios, cuja assinatura constante do documento é falsa. Segundo ele, o prejuízo registrado até o momento, face à negativa da Funai em assumir a despesa, ultrapassa a Cz\$ 4 mil.

Arnaud da Silva não pensa em chamar a polícia, pois "quem é responsável pelo índio é a Funai". Mas se continuar a chegar índios, ele acredita que a melhor solução é sair e deixar o hotel por conta deles.